

## AULA DE LEITURA: A POESIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O IMAGINÁRIO INFANTIL E JUVENIL

Janaína da Costa Barbosa <sup>1</sup>

Maria das Dores Justo <sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo objetiva apresentar algumas das inúmeras contribuições que a leitura de textos literários como o gênero poesia tem para oferecer ao imaginário infantil e juvenil. No entanto, tomamos como ponto de partida a leitura do gênero – poesia. A proposta desta pesquisa foi construída e desenvolvida no Subprojeto de Língua Portuguesa PIBID/ CH/ UEPB para a modalidade de Ensino Médio em Guarabira/PB na EEEFM Professor José Soares de Carvalho. Objetivamos estabelecer diálogos entre os alunos acerca das temáticas presentes nos poemas, mais principalmente incitamos reflexões, proporcionando-lhes indagações no que diz respeito à literatura. Nosso estudo teve como subsídio teórico as leituras de Aguiar (2001), Lajolo (1982), Zilberman (2003), Tinoco (2013), entre outros que estão engajados nessa discussão. Concluímos que as aulas de leitura, que abordaram o gênero poesia proporcionaram aos alunos múltiplas interpretações, como também instigaram um novo modo de (re)pensar a partir do texto literário.

**Palavras-chave:** Leitura. Poesia. Gênero.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras e Bolsista de Iniciação à Docência (PBID) pela Universidade Estadual da Paraíba.

<sup>2</sup> Professora da escola básica e Supervisora do Subprojeto de Língua Portuguesa (PIBID) pela Universidade Estadual da Paraíba.

## INTRODUÇÃO

Dai-me a alegria  
do poema de cada dia.  
E que ao longo do caminho  
às almas eu distribua  
Minha porção de poesia.  
(Mário Quintana)

O presente trabalho destina-se a expor a importância das aulas de leitura na escola básica, tendo como suporte o Subprojeto de Língua Portuguesa PIBID/CH/UEPB. Essa proposta foi desenvolvida na Escola Estadual Professor José Soares de Carvalho em Guarabira com alunos da 2ª série do Ensino Médio. A questão que nos orientou nesta pesquisa foi: por que não discutir textos literários nas aulas de leituras? E a partir do gênero – poesia, objetivamos refletir sobre a importância dessas leituras no imaginário infanto-juvenil.

A poesia, durante toda a nossa vida, é um meio de compreensão e equilíbrio. E isto, especialmente, para as crianças e jovens. Muitos destes a descobrem na puberdade, quando sua afetividade está exacerbada, característica dos períodos de transição [...] conseguir que os jovens convivam com a poesia será dar-lhes oportunidade de equilibrar, através das ressonâncias poéticas, as próprias emoções (GÓES, 1991, p. 182).

Acreditamos que, as rodas de leitura poderia abrir caminhos para se pensar a leitura como uma ação interativa que vai além do momento em que se realiza, bem como contribuir para a busca de novas práticas de seu ensino. Pois com essas rodas de leitura, abriram-se as possibilidades para constituirmos uma escola na qual teremos bons resultados na busca de transformarmos esses leitores principiantes em leitores proficientes.

E de acordo com Lajolo (2005), a leitura e a interpretação estão relacionadas a elementos diversos, ou seja, os sentidos do texto ultrapassa os limites da sua

estrutura, permitindo ao leitor uma interdisciplinaridade no que diz respeito a outros gêneros, vejamos:

A preparação começa pelo reconhecimento de que, se o literário não existe *em si* por só ser plenamente *em outro*, ele participa da natureza dos fenômenos da linguagem, cuja significação só emerge em situações de interlocução. Interlocução que, no caso do texto literário, só se dá mediante um determinado tipo de leitura: por exemplo, aquela leitura que permite reconhecer – para além do título – a condição de poema do “Poema tirado de uma notícia de jornal”, de Manoel Bandeira (LAJOLO, 2005, p. 93). Grifos do autor

Ou seja, o sentido do texto em sua magnitude literária, transborda as barreiras das interpretações dos interlocutores, permitindo uma significação mais ampla.

#### O ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA: AULA DE LEITURA

Nosso estudo teve subsídio investigativo algumas poesias, que nos forneceram elementos discursivos capazes de incitar uma reflexão sobre os sentidos dos textos, levando os alunos a um pensamento crítico e reflexivo. E segundo Cavalcanti:

É exatamente essa permanência no virtual do pensamento/imagem/palavra/ação que se tem a possibilidade de captar a inacessibilidade do símbolo e atribuir sentido ao mundo. A metáfora é estabelecida a partir daquilo que não se consegue apreender totalmente. Posto isso, confirmamos a narrativa como expressão máxima da comunicação humana que impregnada pelo símbolo traça seu caminho: do sagrado para o poético (2002, p. 21).

Tendo o texto literário como instrumento de propiciador de diálogos, percebemos que, a essência presente nas poesias, permitem inúmeras inferências e posicionamentos críticos, pois a partir dos elementos metafóricos, podemos atribuir significação aos elementos presente na vivência do dia-a-dia, como também estabelecer a formulação do fantástico/maravilhoso, pois é sabido que a literatura nos

fornece um leque de interpretações, as quais possibilitam reverberações surpreendentes. E de acordo com Tinoco:

Sob tal processo o leitor, progredindo de descoberta a descoberta, ao mesmo tempo avança, e percebe que a compreensão do que é lido se modifica, na medida em que cada novo elemento imprime uma nova dimensão aos elementos antecedentes, repetindo-os, desenvolvendo-os ou os contradizendo (2013, p. 142).

E após analisar a leitura dos gêneros acima supracitados nas rodas de leitura se houve entre os alunos pesquisados a ocorrência da interação com o outro, e na observância das possibilidades de leitura que podemos fazer em um texto. E as vozes que dialogam com o leitor o fazendo de interlocutor, constituindo dessa forma em sujeitos leitores.

Durante as leituras realizadas em sala de aula, percebemos que é possível criar um ambiente propício para que os alunos tenham contato com outros textos, ou seja, além de contribuir para a construção de imaginário, a leitura de um dado texto, neste caso da poesia, também permite estabelecer uma ponte com diversos outros gêneros textuais. E segundo Bakhtin (2002), os gêneros as existem para suprir necessidades do cotidiano social, ou seja, linguagem que se adequa a determinados contextos.

Então, vejamos o que Tinoco (2013) nos fala em seus estudos sobre o ensino de literatura:

A leitura não é mera apreensão e sentidos escritos, mas processo determinado por elementos, ora mais técnicos (paragrafação, concisão, teor argumentativo etc.), quando se trata de textos dissertativos; ora mais estilísticos (criatividade, figuras de linguagem, teor poético etc.), quando os textos literários (2013, p 141).

Todavia, a leitura dos poemas estimulou os alunos a lerem os mais diferentes gêneros textuais, adquirindo assim, o gosto o encantamento pela leitura. Percebemos também que eles passaram a compreender a essência do escrito no processo dialógico da linguagem.

Foram definidos para esta pesquisa cerca de 30 alunos da Escola Estadual Professor José Soares de Carvalho em Guarabira, pois um número maior poderia tornar a leitura mais dispersiva e não dá oportunidade a todos de interagir durante os encontros. A escolha das rodas como objeto desta pesquisa partiu de inquietações acerca das metodologias utilizadas na escola para despertar o gosto pela leitura, como também da constatação de que, por conta de concepções redutoras de leitura, esse método tão usual na escola acabe sendo distanciado de seu objetivo primeiro que é formar leitores.

Como argumenta Zilberman (2003), a literatura desempenha uma função de conhecimento, sob a qual o ler relaciona-se com o desenvolvimento do real por meio da fantasia infanto-juvenil, pois proporciona ao leitor o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais. É nesse eixo, entre real e imaginário, que a parceria com o maravilhoso (re)monta criação do universo imaginário.

Além disso, as rodas de leitura poderão abrir caminhos para se pensar a leitura como uma ação interativa que vai além do momento em que se realiza, bem como contribuir para a busca de novas práticas de seu ensino. A metodologia que utilizamos na execução da pesquisa abrange a abordagem qualitativa e quantitativa tendo como atividade central as rodas de leitura. Iniciamos com aplicação de um questionário para os alunos pesquisados que são em torno de 30 da 2ª série do Ensino Médio e depois estendemos aos professores. Esse questionário investigativo dirigido aos alunos foi para descobrirmos quais as suas preferências e práticas como leitores.

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua conseqüente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (ZILBERMAN, 1991, p.16).

E aos professores, foi para detectar como está o nível de leitura dos mesmos e se eles incentivam seus alunos com suas práticas. Para o desenvolvimento dessa

pesquisa escolhemos trabalhar o gênero – poesia, de autores como Paulo Leminski, José Paulo Paes e Roseana Murray, Mário Quintana, entre outros, por se tratar de textos curtos e conseqüentemente serão mais atrativos, principalmente para leitores principiantes.

A leitura assume, no âmbito da comunicação social, uma dimensão bem mais ampla que a decifração da escrita. Não obstante esta continua uma das suas modalidades fundamentais, determinando inclusive o comportamento linguístico do público receptor dos veículos eletrônicos em sociedade letradas altamente desenvolvidas, a verdade é que a riqueza dos processos de comunicação humana pressupõe o uso do simbolismo vasto e diferenciado que o universo alfabético do texto escrito (MELO, 2005, p. 100).

Leitura é interação. Assim como qualquer atividade de linguagem, é interlocução, só que a distância, e na sala de aula precisa de mediação. É durante a interação que os leitores menos experientes compreendem o texto, a partir de conversas sobre aspectos relevantes do texto é possível também motivar os alunos a buscar e ler outros textos. As rodas de leitura são espaços de interação e podem ser uma opção para despertar o desejo de ler, em outras palavras, elas podem ser uma estratégia para formar novos leitores. Para Vargas (1997, p. 63), a dinâmica da roda faz com que a leitura passe “a ser reconhecida, em parte como lazer, em parte como elemento formador e reformulador na tarefa de educar”.

Góes (1991) nos diz que é preocupante a situação do ensino, pois os alunos parecem não se interessarem pela leitura de poesias. Então, tomamos como subsídio o gênero literário supracitado e desenvolvemos sequências didáticas com os mesmos. E de acordo com Cavalcanti (2002, p. 55):

Um das características básicas do texto literário reside no seu potencial de transfiguração, de ser possibilidade sensível, de fazer transcender o olhar imediato e instantâneo, de ser desdobramento do particular para o universal, de nos remeter ao prazer e desprazer, de jogar com os nossos sentidos e portanto estabelecer o lúdico, ou seja, a tensão de liberação dela. O texto literário deve ter a capacidade de convidar o leitor para desconstruir a realidade pronta

e estabelecida, a fim de instituir-se a organização de outras ordens, de outras formas de querer e realizar.

É preciso lembrar que as rodas têm por objetivo fazer nascerem leitores, portanto a responsabilidade didática dá lugar a um tipo de relação mais prazerosa com o que é lido. A constituição do leitor é uma preocupação das instancias educacionais, e as rodas e seu mediador (professor) pode contribuir para criar condições que favoreçam a prática de leitura, já que possibilitam contato com bons e diversos textos, além de tornarem o ato de ler um momento de caça e descoberta, ampliando horizontes de leitura e de mundo. As rodas de leitura torna-se uma oportunidade magnífica para minimizar os problemas relacionados à leitura.

Para Yunes (1999) “Ler em um círculo não é novo: novo é o uso do círculo para aproximar os leitores na troca de suas interpretações para o estímulo intensivo da própria experiência de dizer e dizer-se, como didática da leitura”.

Barros e Fiorin (1999), diz que o dialogismo é a característica essencial da linguagem, princípio constitutivo de todo discurso e espaço interacional entre o eu e o tu, ou o eu e o outro, pois “nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz”. Para Bakhtin (2006) a linguagem, tem caráter dialógico, não pode ser compreendida separadamente do fluxo de comunicação verbal.

Compreender o ato de ler como diálogo entre leitor, texto, autor e contexto de produção do texto e da leitura, implica considerar que a prática de leitura começa antes mesmo que o leitor inicie a leitura integral da obra, uma vez que o que ele conhece do assunto, do autor e as expectativas desencadeadas por uma primeira inspeção do material a ser lido, estabelecem as variações que irão definir a natureza de sua interação com o texto. O dialogismo é como um axioma da teoria bakhtiniana, que atravessa diferentes noções aí desenvolvidas: linguagem, palavra, signo ideológico, sujeito, estilo, compreensão etc.

E em tratando da leitura do gênero literário – poesia, vejamos o que Cunha (1999) diz sobre o exercício de leitura:

Esse é um objetivo louvável: sabemos que a leitura é uma forma altamente ativa de lazer. Em vez de propiciar, sobretudo repouso e alienação (daí, a massificação), como ocorre com formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do recebedor-leitor. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante nesse aspecto (1999, p.47).

A partir das leituras objetivamos estabelecer diálogos entre os alunos acerca das temáticas presentes nos poemas, mais principalmente incitamos reflexões, proporcionando-lhes indagações no que diz respeito à literatura. Ou seja, a escola possui uma tarefa importante, pois deve proporcionar aos alunos o contato com os textos, fornecendo ferramentas para que possam descobrir o prazer na leitura, principalmente nas poesias. Como podemos ver em Resende:

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola – que vejo, insisto, como possibilidade – não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que se insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa(2013, p. 111).

Góes (1991) em seus estudos sobre a *poesia para criança*, diz que, “[...] a poesia se faz urgente num mundo de materialismo e de máquinas, como é o nosso.” Ou seja, a poesia em sua grandiosidade literária de significados nos faz enxergar meios de agir e de (re)pensar na realidade que vivemos. E Candido (2006) em suas considerações à respeito das metáforas presentes nos poemas, afirma que:

A mudança de sentido faz da imagem e da metáfora um recurso admirável de reordenação do mundo segundo a lógica poética; mas a metáfora vai mais fundo, graças à transposição, abrindo caminho para uma expressividade mais agressiva, que penetra com força na sensibilidade, impondo-se pela analogia criada arbitrariamente (2006, p. 138).



Ou seja, a partir da subjetividade e da arbitrariedade expressas pelas metáforas nas poesias, podemos inferir que, a imagem ou significado captado a partir da leitura do texto literário, poesia, propicia uma invasão de denotações, onde os elementos metafóricos instigam questionamentos, contribuindo assim, para a construção de imaginário reflexivo. E no que se refere ao estudo do texto, Irandé (2007) nos diz que:

[...] não apenas o material linguístico que dá sentido àquilo que ouvimos ou lemos. Noutras palavras, o sentido não está totalmente expresso ou explícito no texto, sobretudo quando o interlocutor tem a competência de dizer apenas o que ele supõe que o outro ainda não sabe. (2007, p.55)

É a partir da leitura que podemos nos posicionar diante de tais assuntos, pois o texto nos permite pensar naquilo que até então não sabíamos, ou seja, é a leitura que nos fornece dispositivos discursivos para lidar com determinadas situações, e no que diz respeito ao texto literário, poesia, Góes (1991), nos diz que, “a criança nos primeiros anos se interessa pelo som, logo é capaz de representações e a imagem e que passará a preocupá-la”. Ou seja, a leitura do gênero poesia, instiga o aluno a pensar de maneira inovadora.

As aulas de leitura são de grande importância para o ensino de língua portuguesa, pois a partir das leituras, principalmente do gênero – poesia é possível explorar o censo crítico do aluno diante de situações diversas. E de acordo com Góes (1991), “a criança tem a alma poética e é profundamente criadora”. Portanto, as leituras realizadas em sala de aula são de extrema relevância, pois a partir delas o aluno pode despertar a sensibilidade e a imaginação. E Góes (1991), diz que, “o papel do professor será o de permitir o encontro da criança e a poesia”.

O professor deve conduzi-la com sensibilidade e habilidade pelo mundo dos poemas. A poemática expressional da criança é das mais ricas, ao contrário do que pensamos desinformados. A criança acompanha os diversos matizes do espírito humano: ela usa a imagem para dizer a coisa. É, portanto, completamente desnecessário, e mesmo é prejudicial que o professor procure

traduzir as imagens de um poema para a criança. Se assim o fizer, ele estará castrando sua criatividade e capacidade de emoção. A poesia como a música são para ser sentidas, não para entendidas (GÓES, 1991 p. 180).

A poesia apesar de ser um texto ficcional, é um dispositivo indispensável na sala de aula, pois, a partir do mesmo, é possível despertar a criatividade, no que se refere às reverberações e aos posicionamentos adotados após as leituras e reflexões.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo procuramos expor as contribuições das leituras de textos literários, poesia, para o imaginário infanto-juvenil, como também, compreendemos nas leituras e nas discussões com esses teóricos que o ato de ler é um diálogo entre leitor, texto, autor e contexto de produção do texto e da leitura. Isso implica considerar que a prática de leitura começa antes mesmo que o leitor inicie a leitura integral da obra, uma vez que o que ele conhece do assunto, do autor e as expectativas desencadeadas por uma primeira inspeção do material a ser lido, estabelecem as variações que irão definir a natureza de sua interação com o texto. Por isso, à medida que estamos apresentando os textos, lendo e discutindo, observa-se um entusiasmo por parte dos participantes e também melhor rendimento nas aulas regulares de Língua Portuguesa.

Durante nossas aulas de leituras, percebemos que:

No exercício da leitura, aliás, não há separação entre *processo* e *produto*, pois na interlocução o sentido se constitui a cada momento de forma múltipla e fragmentária. Múltipla, por que cada leitura realizada se integra à particular experiência mundo-vida de cada leitor, fragmentária, porque “fragmento de vida”, representa determinada circunstância e situação em que ela (a leitura) é realizada (TINOCO, 2013, p. 141) grifos do autor.

Vimos que, as rodas de leitura poderia abrir caminhos para se pensar a leitura como uma ação interativa que vai além do momento em que se realiza, bem como contribuir para a busca de novas práticas de seu ensino. Portanto, percebemos que é possível criar um ambiente propício para que os alunos tenham contato com outros textos, ou seja, além de contribuir para a construção de imaginário, a leitura de um dado texto, neste caso do gênero poesia, também permite estabelecer uma ponte com diversos outros gêneros textuais.

Vale salientar também que, ao passo que líamos as poesias em nossas aulas de LP havia sempre debates e questionamentos entre os alunos secundaristas e os graduandos (pibidianos), já que essa leitura teve a orientação do coordenador do Subprojeto de LP/PIBID/CH/UEPB. Ou seja, as sequências didáticas foram operacionalizadas com o apoio dos licenciandos.

Procuramos ao longo deste estudo mostrar que através da aula de leitura é possível estabelecer diálogos na sala de aula, como também, permitir aos alunos mecanismos capazes de auxiliar na reprodução das imagens captadas com as leituras dos poemas, pois a literatura nos permite enxergar a realidade com mais magia e sabor.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo filosofia e da linguagem**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BARROS, Diana Luz Barros. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. Mikhail Bakhtin. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivência na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

EVANGELISTA, Aracy A. Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). **Escolarização da leitura literária**. 2ª ed., 2ª reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

SOLÈ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Tradução: Cláudia Shilling. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: Leitura e literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de literatura na escola** (Orgs.). São Paulo, SP: Parábola, 2013. p. 135-151.

YUNES, Eliana. Círculos de Leitura – teorizando a prática. In: **Leitura: teoria e prática**. Ano 18, jun. /1999, n. 28, Campinas: Mercado Aberto/ABL, p.17-21.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.